

OBJETIFICAÇÃO, SEXUALIZAÇÃO E ASSÉDIO: QUAIS CORPOS PODEM CONSENTIR?

MYLENA GRAEBNER PEREIRA¹; **ISABELA CRISTINA RODRIGUES CUTER²**;
ANA LAURA SICA CRUZEIRO SZORTYKA³

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – graebnermylena@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – isabelacuter@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – alcruzeiro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi construído em articulação com os estudos propostos pelo grupo “Sexualidade, adolescência e escola: planejando a intervenção”, vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. No espaço do grupo, pretendemos dar voz a temáticas que atravessam nossos corpos na sociedade de maneira coletiva, mas não universal. A ideia é, portanto, pensarmos nas possíveis reverberações singulares desses atravessadores em articulação com marcadores de raça, gênero e classe. A partir desses estudos realizados de forma cuidadosa no grupo, buscamos quebrar as barreiras do saber localizado apenas dentro do ambiente acadêmico e levar para a comunidade, nesse caso para dentro das escolas de ensino fundamental e médio, informações que são ainda pouco debatidas com adolescentes. Esse movimento acontece através do projeto de extensão articulado a este projeto de ensino.

Diante das temáticas que são abordadas nos estudos do grupo, levando em consideração a urgência em dar visibilidade ao tema que ainda é muito normalizado socialmente, abrimos espaço para que pensemos a constituição social do assédio sexual. Nesse cenário, entendemos os sistemas patriarcal e capitalista como alicerces desta constituição que ocorre, principalmente, através da objetificação e apropriação dos corpos das mulheres. Isso, consequentemente, impede a existência do consentimento das mulheres sobre seus próprios corpos, gerando silenciamento diante dos assédios sofridos, realizados majoritariamente por homens - os quais são historicamente desresponsabilizados pela sociedade da violência que praticam.

Para isso, contamos com a ajuda de literaturas comprometidas a pensar o tema de maneira crítica e, sobretudo, implicada. Além disso, enfatizamos que, pela sua densidade, não temos o intuito de esgotar esse diálogo; mas, sim, abrir caminhos para que a temática siga sendo pensada e transformada.

2. METODOLOGIA

Este trabalho relaciona-se com o projeto de ensino que possibilita o estudo dos conteúdos emergentes e urgentes a serem trabalhados nas escolas Municipais e Estaduais pelo projeto "SE TOCA". O projeto de ensino possibilita o estudo, a reflexão e a troca com os demais integrantes do curso de Psicologia, assim como com a coordenadora do projeto.

A urgência da realização do presente trabalho surge a partir das reverberações que o assunto sobre assédio sexual causaram nos adolescentes dentro das escolas. Diante disso, foi realizada uma revisão bibliográfica com materiais físicos e digitais que abordassem a constituição social patriarcal e capitalista, as diversas formas de assédio e os diferentes corpos que sofrem de forma singular essa violência, além dos meios pelo qual, historicamente, essa

normalização foi propagada. Para isso, dialogamos com autoras feministas que abordam questões de gênero e raça de forma interseccional.

Além das reverberações nos adolescentes, entendemos também que o trabalho ganha forma através das implicações que o tema tem para nós, através de nossas vivências como mulheres inseridas na sociedade patriarcal sobre a qual nos referimos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas misóginas foram inicialmente verificadas na cultura europeia, a partir da propagação de ideais cristãos. Com a colonização das américas, essas práticas foram se expandindo para os mais diversos territórios, fazendo com que a cultura dos povos originários fosse subjugada (Federici, 2017). Legisladores, sacerdotes, filósofos e escritores foram alguns dos responsáveis por reproduzir o discurso de que a condição de subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa na Terra (Beauvoir, 2014), fazendo com que legislações sobre família, sexualidade e reprodução mantivessem os valores impostos pelo patriarcado (Biroli, 2018).

Federici (2017) salienta que o sistema capitalista é orientado por uma divisão das relações produtivas e reprodutivas entre o binarismo homem-mulher, fazendo com que a exploração dos corpos considerados femininos seja legitimada pelos sistemas majoritariamente centrados nos homens. Como nos convidam a pensar Zanello, Fiúza e Costa (2015), a virilidade é considerada fator de proteção aos homens, seguindo uma lógica fálica. Nesse contexto, são sempre estimulados a penetrar a maior quantidade de mulheres possíveis, a partir de uma lógica heteronormativa, compartilhando essas performances com seus pares (Federici, 2017).

“As mulheres enclausuradas em seus véus, as meninas vendidas e usadas neste grande festim mundial onde se consome o feminino transformado em carne e orifícios são do patriarcado a expressão mais clara: elas são e estão no mundo para servir os homens, de todas as formas, nas dobras de seus desejos e injunções” (SWAIN, 2006, p. 6).

A violência de gênero pode ser encontrada em todas as esferas da vida das mulheres, como reiteram Gomes, Balestro e Rosa (2016): na escola, na igreja, nas famílias. Suas reproduções acontecem a partir de atos naturalizados, pouco refletidos, aprendidos a partir da história e da cultura, que servem como agentes das relações de dominação. Para Foucault (1996), os papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres podem ser mantidos de forma bastante heterogênea, a partir de discursos, instituições, leis e enunciados científicos, por exemplo. Tudo isso forma aquilo que o pensador chama de *dispositivos de poder*, que são utilizados para subjetivar os sujeitos.

Biroli (2018) entende que a opressão das mulheres, mesmo após um histórico de lutas feministas, não foi suprimida; mas, sim, transformada. Ainda que alguns direitos tenham sido garantidos a elas ao longo dos últimos anos, as mulheres seguem ocupando espaços em que existe a propagação de violências. O lar, antes o principal meio em que eram subjugadas, não é mais exclusivo; agora, também sofrem em espaços públicos, tomados pelas reverberações do capitalismo e do patriarcado.

Pensar os sistemas que estamos inseridos, a cultura e a história como base das diversas violências de gênero é fundamental. Diante da naturalização da violência contra a mulher ainda muito enraizada, podemos pontuar a

importunação sexual como uma das mais naturalizadas e, consequentemente, mais subnotificadas. Cabe aqui explicar que a importunação sexual se caracteriza pela “prática do ato libidinoso (que tem objetivo de satisfação sexual) na presença de alguém, sem sua autorização. Por exemplo: apalpar, lamber, tocar, desnudar, masturbar-se ou ejacular em público, entre outros.”, com pena de 1(um) a 5(cinco) anos de reclusão (TJDFT, 2021). Apesar desses atos serem definidos na constituição como importunação sexual, cotidianamente chamamos de assédio sexual, por isso faz-se necessária a explicação desses termos.

Apesar do avanço jurídico relacionado aos casos de importunação sexual e as outras violências, esse não pode ser o único e nem é a mais eficiente forma de combate. Por essas violências serem constituídas social e culturalmente, o debate dentro do ambiente escolar com crianças e adolescentes se torna fundamental para a desnaturalização dessa cultura, possibilitando abertura para novas construções, pensamentos e modos de existir de meninas e meninos. (Zanello, 2022).

Ainda Zanello (2022) nomeia essa cultura que é base das violências de gênero como “cultura da objetificação sexual”. Como já diz o próprio nome, essa cultura objetifica a mulher de forma disfarçada, naturalizando violências sexuais e agressões, com o intuito de beneficiar, satisfazer e consentir atitudes e desejos dos homens. Isso acontece, por exemplo, quando mulheres são assediadas na rua e isso é tido como um elogio ou quando mulheres são colocadas em comerciais publicitários como objetos de desejo que estão lá para satisfazer o homem e é lido como divulgação de um produto.

Quando pensamos na objetificação sexual das mulheres, torna-se necessário termos um olhar atento para a intersecção entre gênero e raça. No livro “A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações.” Zanello (2022) traz o conceito da prateleira do amor, que seria a comparação com uma prateleira de mercado. Nessa, as mulheres seriam subjetivadas e posicionadas a partir do ideal estético imposto socialmente, sendo esse ideal loiro, jovem, magro e sem deficiência. Dessa forma, quanto mais dentro do padrão as mulheres estão, mais bem posicionadas elas ficam na prateleira, e consequentemente mais próximas de serem escolhidas pelos homens para ter um relacionamento. Em contrapartida, quanto mais fora dos padrões essas mulheres estão, mais objetificadas sexualmente elas são, que é o caso de mulheres negras, gordas, velhas e com algum tipo de deficiência.

Todos esses atravessadores devem ser levados em consideração, principalmente quando pensamos o quanto a objetificação e a sexualização dos corpos femininos são propagados cotidianamente pelas grandes mídias. Naomi Wolf (2020) em seu livro “O Mito da Beleza” traz que mesmo que evitem diretamente a pornografia, as mulheres que assistem filmes, peças ou programas de televisão, estarão expostas a imagens de estupro. Além disso, a autora traz uma pesquisa onde mostra que quanto mais expostas a essas imagens, as mulheres identificam-as como menos violentas, havendo portanto uma normalização destes atos. Embora a autora traga esses dados relacionados diretamente ao estupro, podemos articular as outras diversas formas de violência sexual, como é o caso do assédio. Dessa forma, quanto mais propagadas no cotidiano, mais naturalizadas e menos punidas essas violências são.

O olhar sobre os atravessadores de raça e gênero, conjuntamente as vivências individuais de cada mulher são essenciais quando estudamos e falamos sobre violências de gênero. Naomi Wolf (2020) traz que “as imagens que transformam as mulheres em objetos ou que dão valor erótico à degradação das

mulheres surgiram para contrabalançar a recém-adquirida confiança das mulheres em relação aos seus corpos". A partir disso e diante da objetificação e sexualização enraizados na cultura, nos questionamos a quais corpos é permitido o ato de consentir, quais são ensinados a se calarem e principalmente, a quem interessa silenciar a autonomia das mulheres sob seus corpos.

4. CONCLUSÕES

De acordo com as literaturas utilizadas e as discussões propostas acima, é evidente que tentar entender a realidade a partir de uma perspectiva de gênero socialmente construída, apesar de fundamental, segue sendo insuficiente para evitar a propagação das inúmeras violências sofridas pelos corpos femininos - e, por consequência, do assédio sexual, majoritariamente perpetrado por homens. No entanto, entendemos que é necessário continuar construindo caminhos para que a temática se torne pauta cotidiana desde cedo, especialmente dentro do ambiente escolar. Assim, é possível que estratégias de intervenção possam ser pensadas a nível individual, grupal e social, como é a proposta do grupo de ensino, pesquisa e extensão do qual fazemos parte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GOMES, Renata Nascimento. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, v. 2, n. 1, 2016.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. **Revista Labrys Estudos Feministas**, v. 10, 2006.

Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Importunação sexual x assédio sexual**. 2021. Disponível em <<https://www.tjdf.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/importunacao-sexual-x-assedio-sexual>>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Editora Record, 2018.

ZANELLO, Valeska. **A Prateleira do Amor: Sobre Mulheres, Homens e Relações**. Editora Appris, 2023.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, p. 238-246, 2015.